

CAPELAS SERTANEJAS: via sacra lírica e dramática nas estradas do calvário

Claudio Novaes (UEFS)

À Mírian, minha companheira de todas as estradas, e aos nossos três “anjinhos”, Antônio, Frederico e Maria, que aprendem a percorrer conosco as terras sertanejas.



Este ensaio traz algumas fotografias do nosso acervo pessoal que guarda registros da memória sertaneja. As fotos trazem algumas imagens de Capelas erguidas nas margens das rodovias e estradas, compondo um cenário lírico e dramático, como que expressa uma liturgia misteriosa e resistente da morte e vida na memória do sertão. São raras as rodovias que cortam o Nordeste brasileiro que não exibem capelas em suas margens, quase sempre erguidas em homenagens póstumas aos mortos por atropelos e outros incidentes perpetuados na memória pelas casinhas cravadas de cruces.

Mas há muitos outros emblemas históricos, culturais, antropológicos e mesmo uma mística espiritual que fazem as capelas transitarem dos imaginários religiosos dos sertanejos a outros pontos de fuga da odisseia lírica e dramática na conformação humana do sertão.

Este ensaio fotográfico foi inspirado por crônicas do escritor Eurico Alves, principalmente em duas delas publicadas no livro *A Paisagem Urbana e o Homem*, intituladas: *Folclore no Caminho* e *Velhos Cruzeiros*. Eurico narra as virtualidades dos ex-votos, capelas e cruzeiros nos caminhos sertanejos, dando forma singular a estas imagens, na sua linguagem literária, perfazendo um complexo jogo lírico e dramático de um observador e desbravador da antropologia do sertão. Na crônica *Folclore no Caminho*, após uma série de informações sobre origens e fusões culturais dos ex-votos no Nordeste, o cronista afirma: “em muito supedâneo de Santa Cruz tem-se naqueles retalhos

de madeira cheios de tempo uma como pontuação de uma página de demopsicologia tabaroa.” Para completar sua investigação sobre estes mistérios da religiosidade sertaneja, Eurico Alves traduz a imagem das capelas de beira de estrada como um “Calvário sertanejo”, arrematando esta configuração exemplar na crônica *Velhos Cruzeiros*, ao registrar uma bela definição literária deste imaginário:

Recordam as estradas sertanejas intermináveis via sacra silenciosa. Caminho em fora, sob uma quixabeira ou na mudez da catinga, de uma azinhaga retorcida, pequenas cruzeiros se abrem sobre pedras soltas, numa prece ao que ali morreu. Ou ali foi inundado. Crime sempre. Tocaia ou encontro que o destino moveu. (ALVES, Eurico, p. 226)

Vemos como estas imagens literárias traduzem ou são traduções das realidades encenadas nas Capelas das margens de estradas por este sertão de dentro a fora.



NOVAES, Claudio. Capelas Sertanejas: via sacra lírica e dramática nas estradas do calvário. *Léngua & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, A. 14, nº 7, 2016, p. xxxxxx.

Claudio Novaes é Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, Mestre em Estudos Literários – UFBA, Pós-Doutorado em Comunicação – ECO UFRJ, Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos –Progel, Coordenador do Núcleo de Estudos em Literatura e Cinema –NELCI/UEFS.





